



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARIES E LETRAS

Proprietario—JAYME CORRÊA
 Director—J. PEDROSO AMADO
 Chefe de redacção—EDUARDO FERNANDES
 Editor—ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$300
6 "	" 600
12 "	" 1200
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 "	" 1800
12 "	" 3600

As assignaturas começam sempre no principio dos trimestres

PREÇO AVULSO

30 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a RUA DO MUNDO, 81, 2.º

LISBOA

Composição e impressão
 Offic. da Ilustração Portuguesa
 RUA DO SEculo, 43

À constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.



AUGUSTO ROSA — (Actor notavel)

OFFIC. ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



O compositor não deve saber somente musica
—Plano de um curso de «Esthetica geral».

Sempre temos ido contra a fórma de-
ras absurda como o nosso musico se educa
no Conservatorio. A arte musical anda tão
intimamente ligada com os problemas da
psychologia, com esse crescendo para as
fórmas da Belleza pura, que um composi-
tor, desde que se entregue ao seu cultivo,
ignorando as suas relações com o Sublime,
nunca poderá produzir nada conscientemente,
e nunca tambem poderá achar na sua arte
os segredos que ella encerra, tentendes
constantemente a elevarem-se a regiões to-
talmente desconhecidas para o musico, que
apenas vê as notas e nada mais.

Um rapaz, seja elle o mais talentoso os-
sível, ao entrar no Conservatorio, e mes-
mo depois de alcançar as maiores provas
nos exames, quero mesmo com a maior
justiça, sae completamente ignorante das
leis da Esthetica, das condições do Bello,
do Ideal, de que a Arte de Beethoven tão
intimamente anda ligada. Até agora os go-
vernos, com a mais clara ignorancia e mes-
mo desleixo, têm lançado ao ostracismo os
assumptos d'arte musical; não será agora
uma bella occasião de passarmos uma es-
ponja pelo passado e desvendarmos ás no-
vas gerações esses horizontes musicas
cheios de luz e progresso? Nem só de po-
lítica vivem as nações; as industrias, as
letras e as artes são outras tantas parcel-
las para essa somma total chamada—Pro-
gresso!

Desculpe o leitor este desabafo, este grito
d'alma, e entremos mais directamente
no assumpto.

Um compositor nunca poderá pensar a
serio, conscientemente, na genesis d'um *Poe-
ma symphonico*, quando elle tenha em mira
patentearem-nos, através dos desenhos musi-
caes, ou um assumpto symphonico, ou um
facto historico, se de antemão o seu espiri-
to não tiver sido polido com uma certa
instrucção. A evolução que a musica tem
tido n'estes ultimos tempos, entrando em
um campo tão complexo de realismo e de
phantastico, como nas obras de Ricardo
Strauss, *Symphonia domestica* e *Morte e trans-
figuração*, faz com que o compositor, hoje
em dia, não deva saber somente se rever
notas sobre a pauta, mas sim escrever
obras, que possam e devam transmitir á
humanidade essa força de attracção, essa
irradiação do Bello, afirm d'aquelles que
as ouçam se encontrem transportados, que
sintam a sua alma sair do mundo real pa-
ra esse espaço infinito, que só uma verda-
deira obra d'arte nos pode desvendar.

Ora o ensino ministrado ao artista por-
tuguez nada possui que possa fazer des-
abrochar no seu sentimento a fórma de co-
nhecer os rasgados horizontes da Musical.
Não é nas aulas do Conservatorio em que
o estudo da Esthetica é coisa que não existe,
não é ouvir depois, na generalidade dos
nossos theatros as obscenidades das *revistas*
do anno, com musica em relação, que o
nosso artista poderá nunca achar motivos
para as suas composições. De litteratura
conhece os folhetins dos jornaes, de my-
thologia apenas sabe que uma Venus, de
uma terra qualquer, appareceu sem braços,
mesmo das vidas dos auctores que executa,
apenas sabe que Beethoven foi surdo, que
Berlioz era telhudo, que Wagner mandou
construir um theatro em Beyreuth para as
suas operas, e pouco mais! Refiro-me, é
claro, ao geral, alguns ha que eu conheço
que se dedicam a lêr boas obras litterarias;
mas são tão poucos!

Hoje é necessario que todo o artista ten-
ha uma certa instrucção, para que possa
compreender bem a musica que executa e
se fór compositor que possa elevar as suas
composições a uma traducção fiel do as-
sumpto e que a musica esteja á altura do
poder descriptivo, se tiver em mira collo-
rir algum quadro symbolico, em caso psy-
chologico da Dôr, ou mesmo um farrapo
de miseria social.

Em artigos futuros direi que *leituras* de-
veriam conhecer os nossos musicos se qui-
zessem escrever alguma coisa de grande,
de realmente suggestivo!

Hoje apenas direi que, no nosso Conser-
vatorio, não basta haver uma cadeira da
Historia da Musica, mas crear-se uma aula
obrigatoria de *Esthetica geral*. Assim o
alumno, nos dois ultimos annos do seu curso
(pois eu divido o curso de Esthetica em
dois annos), ficaria ao facto de uma fórma
generica dos elementos de Esthetica, bases
necessarias para a sua vida artistica. As-
sim teria o seu curso distribuido:

Primeiro anno—Definições de esthe-
tica e suas respectivas analyses. Todas as
theorias dos antigos, desenvolver a the-
oria de Platão. Depois a theoria de Kant,
de Hennequin, Guyau, Bossuet, Gross, Tai-
ne, etc. Relações do Bello com o verda-
deiro e com o bem, condições do Bello;
integridade, proporção, claridade, kontras-
te e unidade; diversas especies do Bello;
a belleza physica, o bello moral, o bello
ideal, o bello absoluto.

Segundo anno—O Sublime, definições
e características, faculdades estheticas: *in-
telligencia*, espirito, talento e genio, *gost*,
razão, imaginação e sentimento; a *Arte* em
geral, definições e fim; principios theori-
cos da Arte, idealismo, realismo; fontes
de inspiração artistica, classificação das
Bellas Artes.

Com os actuaes preparatorios que o Con-
servatorio pede, com certeza não se podia
ministrar aos alumnos um ensino d'esta na-
tureza, pois nem sequer sabem o que é
psychologia. Mas parto do ponto que para
se poder matricular no Conservatorio, se
elle estivesse á altura d'uma escola mode-
lar, todos os estudantes deveriam possuir,
pelo menos, os seguintes exames do Ly-
ceu:—Portuguez, francez, allemão, physica
(por causa da theoria da musica), um
anno de mathematica e philosophia.

Tenho plena certeza que muitos dirão
ao lêrem-me:—«Este homem vive na lua!»

Para esses responderei:—«Tenho um tra-
co—o engrandecimento artistico do meu paiz.»

ALFREDO PINTO (Sacavem).

Escola de Arte de Representar

Realisou-se no dia 11, no theatro Nacional, o
concurso a premio aos alumnos d'esta Escola, o
qual ficara transferido por motivo de doenca do pae
d'um dos concorrentes.

Às 3 horas da tarde e com a sala completamente
cheia de publico e convidados, deu-se começo á
festa, lendo o alumno Otero o programma, compo-
sto de quatro partes: *Trilogia de Danton, Marat e
Robespierre*, de Victor Hugo, traducção de Au-
gusto de Castro; monologo de *Cananéa*, de Gil Vican-
te; monologo do *Asarento*, de Molière, na versão
de Castilho, e 2.º acto da *Locandeira*, de Goldoni,
versão de Nicolau Luz.

Foram concorrentes os alumnos Joaquim Almei-
da, Reinaldo Azevedo, João Henriques e Ilda Fer-
reira e o jury compunha-se dos professores da Es-
cola, srs. José Antonio Moniz, Julio Dantas, Anto-
nio Pinheiro e Augusto de Mello.

Todos os interpretes foram applaudidos com jus-
ticia, obtendo a seguinte classificação: Ilda Fer-
reira e Joaquim Almeida, comedia, 1.º premio; Reinaldo
Azevedo, idem, 2.º premio; João Henriques, dra-
ma, 1.º premio.

Correspondentes

Precisam-se e accéitam-se para esta revista nas
diferentes terras do paiz.

CARTAS ABERTAS

AO

Senhor Presidente da Republica

Illustrissimo e Excellentissimo Sr. Presidente:

«Punge-me e rejubila-me o facto», tive a
honra de dizer a V. Ex.ª.

E' certo. Se bem que por motivos diver-
sos—alguns dos quaes contrarios á minha
vontade e productos do meio—eu não ten-
ha cultivado a minha profissão por modo
reconhecidamente notavel, deixando do meu
trabalho o rasto luminoso que deriva de uma
individualidade excepcionalmente artísti-
ca, hei logrado accentuar um indelevel vi-
nculo de extraordinario affecto á causa da arte
do theatro e da minha classe, modesta-
mente, honestamente, não envergonhando
nem uma nem outra, antes procurando por
todas as fórmas ao meu alcance eleva-las
no conceito geral, já penando com os seus
males, já vivendo com as suas alegrias.
Por isso não me soffre o animo vê-las ar-
rastar a pesada grilheta da vida dissoluta
que levam á mingua de amparo e protec-
ção.

E contudo, arte nenhuma mais bella,
mais nobre, mais democratica, se o termo
tem cabimento, e que menor esforço ne-
cessite dos altos poderes do Estado para
ser poderosa, fecundante!...

E' anomalo, estúpido isto, é brutal, mas
é infelizmente verdadeiro, e como é dolo-
roso confessa-o!

Tornou-se um logar commum dizer-se
que as artes em Portugal, e em especial a
arte do theatro, estão agonisantes.

Uns tantos fanáticos, escrupulosos gtri-
tam contra as causas d'esse transe mortal
ao passo que indicam o remedio salvador.
Ingenuos e crentes, esperam evangelica-
mente que a sua voz seja ouvida. Mas os
governantes, cuja especial condição é a
surdez incuravel para tudo que não seja o
systema de politica, que infelizmente ain-
da nos rege, a nada se movem.

Entre esses Tantalos da arte, figuram os
dramaticos.

Quasi nada desconheço de quanto esses
réprobos teem lançado mão para consegui-
rem o fim desejado—o rejuvenescimento da
religião artistica que professam. Represen-
tações, projectos, relatorios, estudos, tudo
teem tentado, esses desgraçados.

Azeitam-se as engrenagens á amizade in-
fluente, perdem-se preciosos minutos rou-
bados ao descanso reparador, exgotta-se a
intelligencia e a energia n'um esforço exte-
nuante. E que resulta? Vêr crear e au-
mentar a atmospheria que nos cerca, sen-
tir nascer debaixo dos pés o escalracho ex-
terminador.

Angustiosa situação!

E ainda ha quem lucte, Excellencia, e
ainda ha quem tenha no espirito a luz de
uma esperanza a bruxolear. Aqui estou eu,
Ex.º Sr., que venho depositar a minha
em suas mãos, convencido de que V. Ex.ª
a alimentará com o precioso combustivel
do seu amor á Razão e á Justiça.

Cançado de esperar por ambas e com a
alma assenhoreada de lethal veneno, sinto
um gozo infinito, diabolico, ao vêr que de-
pois de tantos inauditos esforços feitos pa-
ra debelar o mal, chegou, enfim, o mo-
mento aos barbaros de poderem cuspir so-
bre o corpo exanime da Arte. Já crocitam
no espaço aves da cór da noite densa; hye-
nas e chacaes ensaiam um córo que cele-
brise o facto.

Histriões de ambos os sexos, malversa-
dores impenitentes, guerrilheiros relapsos
de todos os generos, vinde, vinde todos
assistir á vossa obra. O estrangeiro escor-

raça-nos como a cães hydrophobos. O nosso irmão de além Oceano, que nunca teve uma arte que egualasse a nossa, mas que possui d'ella uma noção mais nitida, patriótica, e brioso, insurge-se e mostra a Portugal, aos governantes e aos artistas, como se levanta um povo e se endeuza a Arte.

A vós, Sr. Presidente, peço desculpa por omitir nomes e substituindo-os por asteriscos.

Sinto as faces assaz incendiadas de pejo para transcrever completamente.

Vem na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, de 21 de novembro findo. Não vá suppor-se que é invenção minha.

Presumo que V. Ex.^a terá ficado surpreza com as afirmações contidas na minha carta anterior e, especialmente, com o curioso documento que juntei: a transcrição da noticia do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Não se surpreenda V. Ex.^a ainda, peço. Ha melhor. A audacia e o impudor tocaram o seu termo e eu estou cumprindo um dever fallando claro a V. Ex.^a, ainda que para o fazer me veja forçado a revolver o esterquilinio completamente, sentindo aposar-se do meu organismo as perturbações denunciadoras do envenenamento produzido pela absorção dos gazes exhalados.

GAZETA THEATRAL

As companhias portuguezas no Rio em 1912

Já começaram em Portugal as negociações dos emprezarios theatraes, para a vinda ao Brazil, das «troupes» portuguezas em 1912.

O insucesso artistico d'este anno não os esmoreceu. Se as dez companhias que aqui estiveram, algumas por duas vezes, deixaram no publico a maior impressão pelo seu relaxamento, pela falta de probidade e pela pobreza de repertorio, os lucros ainda assim foram visiveis e, emquanto houver possibilidade d'elles continuarem, os commerciantes emprezarios alimentarão a esperança de ganho em successivas «tournées», mesmo que deixem de trazer artistas e substituir por «pataqueiros» desmoralizados e indecentes.

Toda a gente sabe que o theatro portuguez está n'uma lamentavel decadencia.

Artistas não os ha. Restam apenas aquellas estafadissimas e suarentas creaturas que se afirmam ao Brazil, com o unico intuito de acompanhar o desercamento dos que os contractam, appellando tambem para a industria miseravel e réles do beneficio obrigatorio.

Este anno então foi inaudito. Ninguém escapou e nenhuma das «troupes» que aqui aportaram estavam em condições de atravessar o Atlantico a não ser para depor contra a arte theatral em Portugal.

Assistimos ás mais escandalosas scenas de pros-titução artistica.

Coristas sem valor e analfabetas, de ha dois annos, figuraram agora nos cartazes, como «estrelas».

As peças consistiram em arranjos assassinos das operettas viennenses, com scenarios, roupas e traducções que davam a impressão de terem sabido do Mercado Novo ou da ilha de Sapucaia.

Os elencos eram deliciosos de cosmopolitismo: hespanhoes, italianos, húngaros, russos, polacos, francezes e brasileiros, em verdadeira salada preparada nos «fréges», pisaram os palcos do Rio, pertencentes ás companhias portuguezas.

E como raros eram os que comprehendiam portuguez ou sabiam lêr, os espectaculos chegaram a ser inconcebiveis. Havia noites em que o Rio theatralmente podia ser comparada a uma Babel immensa postada entre as ruas do Senado e das Marrecas, com ramificações pelo Hotel Nacional e pelas pen-des das portuguezas ap-sentadas das caixas dos theatros.

O «avanço» dos beneficos começou em janeiro e só terminará em dezembro, porque vai ainda continuar. Sujeitos houve, e mulheres tambem, que em uma só «tournée» ao Brazil realizaram cinco beneficos.

A grita foi geral aqui e nos jornaes luzitanos e nada se conseguiu.

Como o publico apreciasse, n'este ultimo semestre do anno, o theatro «a preços de cinema», elles, os de Portugal, inauguraram o mesmo systema e nos deram a *Viuva Alegre* a dez tostões e nos vão dar o *Peço a palavra* a quinhentos réis.

Quando Portugal podia mandar ao Brazil duas companhias soffríveis, de musica e cantoria, ellas vinham no inverno; quando Portugal ficou sem artistas, elles apparecem o anno inteiro, representando coisas horrorosas e desmoralisando-se mutuamente pela secção livre do *Jornal do Commercio*.

Para o anno já se sabe que tres companhias aqui devem chegar em março.

*** quer vir tambem, a todo o cnsto, mesmo sem

repertorio novo, trazendo o enrouquecido ***. o furibundo ***. o manteiga *** e o chapelleiro ***.

Como contrapeso parece que o *** vem com o ***. o *** que se embriaga diariamente, o *** de crepito, malcriado e quasi louco, palhaço de fazer rir, quando no Rio imperava a tracção animal, e animal irritante, depois da tracção electrica.

E' demais! E' preciso que nos defendamos d'esses bufarinheiros sem escrupulos, d'esses «apaches» sexagenarios da scena portugueza, que se associam á mais deslavada «cavação» de tres ou quatro typos que se dizem emprezarios.

Os artistas nacionaes, os pobres, os dignos artistas patricios que agora se empenham em poder trabalhar na sua Patria devem ir ao Conselho Municipal rogar aos srs. intendentes um imposto prohibitivo, a fim de que essas «troupes» diminuam.

Chegou o momento de reacção. A'vante!

* *

Peço licença para me refazer do aturdimento a fim de proseguir. A vergonha sufocame. Quero gritar a V. Ex.^a a raiva que me vae na alma, mas um riso nervoso me contorce os musculos da face, ao passo que da garganta apenas sahem sons inarticulados, monosylabos...

Permitti, pois, que me refaça.
Até lá subscrevo-me com respeito e consideração,

De V. Ex.^a

Concidadão obscuro

EDUARDO FERNANDES.



De olhos abertos

(Continuado do numero anterior)

A rapariga, sempre com os dedos no rosto, gemia com muita mais força.

—Levem-me d'aqui... elle olha para mim... Mette-me medo...

—Mas, disse o commissario baixinho, esta sujeita tem razão... Olhe para elle. Fica-se assim com um rosto tão medonho, quando se morre de morte natural? Eu mal me atrevo a olhal-o. E, no entanto, tenho visto mortes horribes! Vi cabeças esmigalhadas por balas, entrei em quartos por onde se pisava em placas de miolos empapados em poças de sangue, vi mulheres, creanças assassinaadas, queimadas e que morriam incendiadas como se fossem tochas... Mas, nada vi e nada imaginei de tão medonho como esta cabeça, como estes olhos, como esta face de sobranceiras eriçadas, de nariz já azulado, como esta bocca escancarada, como os labios arreganhados sobre os dentes... Jámais consegui fazer-me acreditar que uma morte natural devaste uma creatura a um tal ponto!

—Tenho medo... Elle olha para mim... balbuciava a mulher.

—Depois, ha uma coisa que é esiranhamente preciosa: Ouça esta phrase: Elle olha para mim. Ouça-a. E' um estribilho, uma obsessão, e eu conheço estes estribilhos dos criminosos! Repetem-n'o todos em face da victima, porque vêem-lhe o rosto immobilizado na attitude em que lhes appareceu vivo pela ultima vez. Vamos, creia em mim, eu tenho visto tanta coisa!

Calou-se, passeando o olhar da rapariga até o defunto. Os olhos do morto fixavam sempre a sombra mysteriosa e a rapariga, tiritante, repetia sem cessar os seus rogos sinistros:

—Levem-me d'aqui... Elle olha para mim... Levem-me...

Pareciam não ouvil-a, e o commissario, balbuciando ainda a voz, murmurou:

—Doutor, creto ter encontrado... Tenho a certeza d'isso... Explico o estertor, a ausencia completa de vestigios, tudo!... Essa mulher e o amante aqui estiveram, não resta duvida. Julgando o homem adormecido, abriram a porta de vagar. Viriam roubar? Viriam para matar? O inquerito talvez nos informe. Mas o homem não dormia ou apenas cochilava. A prova: não tinha apagado a lampada. Vendo apparecerem

no vão da porta essas duas sombras que avançavam para elle, talvez armadas, ou em todo o caso ameaçadoras, soltou um uivo de espanto.

—Já não posso... Não posso mais, geneu a mulher... Elle olha para mim...

—Será preciso fazel-a sair? perguntou um agente.

—Oh! não; não, basta de comedia. Traga-a para aqui, para a cabeceira da cama. Assim, ella não o verá mais, porque ficará de costas. Agora socegue. Já não está olhando para elle!

A rapariga soltou um grande suspiro e cessou de supplicar. O commissario continuou:

—Soltou um uivo de espanto. Semelhante emoção, em plena noite... Não é preciso mais para matar um velho. A este grito, os outros assustam-se e atiram-se para a escada: foi n'essa occasião que o criado os viu. Não ha assassinato, na propriedade da palavra: ha um homem que morreu de medo antes que tivessem tempo de mata-lo. Como medico, que pensa?

—Penso que isso não é scientiificamente impossivel. Admittirei até que seja certo... se... se não houvesse um detalhe a impressionar-me extraordinariamente. Olhe para o corpo: a cabeça, enterrada nos hombros, permaneceu firme. Siga-lhe os olhos: o seu olhar vae em linha recta, pousa ao pé do leito. Procure agora a porta, por onde teriam entrado os assassinos: está do outro lado do quarto, a mais de tres metros, á direita. Diga se esses olhos, que a morte assim immobilisou, podiam, puderam vêr a porta?

—Então? fez o commissario.

O medico não teve tempo de responder, porque se ouviu um grito horrivel, sobrehumano. A mulher, erguendo-se bruscamente, estertorava, com a bocca torcida, os labios arreganhados, aperiando a garganta com ambas as mãos. Seguraram-na, julgando que ia cahir para traz; mas, com o corpo inteiriçado, a cabeça enterrada nos hombros, olhava fixamente, allucinada, bem em frente. O criado, tremulo de medo, balbucou:

—Ella gritou como o patrão!

Alguem, que estava perto do leito, vendo-lhe o rosto perto do do morto, murmurou:

—Tem o mesmo olhar... como se visse a mesma coisa...

E, subito, o doutor, que a tinha segurado com toda a força para levá-la, gritou:

—Tem razão!... Ella é innocente! Olhem... Olhem... Ahi está o que elle viu... o que ella viu!...

Na almofada, uma coisa negra avançava: uma aranha gigantesca, cujas patas peludas eram tão grandes que, em meio de todo o silencio, se as ouvia roçar pelo panno, e cu o corpo ventruado e redondo, de dorso estufado, horrivel, avelludado, sabia balançando demoradamente, em direcção ao rosto espantado do morto.

MAURICIO LEVEL.

“O RECLAMO,”

Por nos parecer interessante, transcrevemos com a devida venia o artigo que segue, publicado por aquelle nosso collega eborense:

A LINGUA PORTUGUEZA

A nossa lingua portugueza é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e accommodada ás materias mais importantes da pratica e escriptura. Para fallar é engraçada, com um modo senhoril. Para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a musica. Para prégar é substanciosa, com uma gravidade que auctorisa as razões e as sentenças. Para escrever cartas nem tem infinita copia que damne, nem brevidade esteril que a limite. Para historias não é tão florida que se derame, nem tão secca que busque o favor das alheias.

A pronunciaçào não obriga a ferir o ceu da bocca, com aspereza, nem a arrancar as palavras com vehemencia do gargalo.

Escreve-se da forma que se lê, e assim se falla. Tem de todas as linguas o melhor; a pronunciaçào da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana. Tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E se á lingua hebréa pela honestidade das palavras chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto fuja de palavras claras em materia descomposta, quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem e é que pelo pouco que lhe querem os seus naturaes, a trazem mais remendada que capa de pedintes.

R. LOBO.



EXPOSIÇÃO JOÃO VAZ — As piteiras

João Vaz

EXPOSIÇÃO DE QUADROS

Após a exposição de aguarellas de Roque Gameiro, veio a exposição de quadros a óleo feitos por João Vaz, o que deveras nos rejubila pois é prenuncio de que os nossos artistas vão-se resolvendo a exteriorisar o valor das suas faculdades, e a proporcionar-nos momentos de gozo espiritual pelo exame e pelo estudo dos seus trabalhos.

Visitámos, pois, no passado domingo, a antiga instalação da photographia Bobone, na rua de Serpa Pinto, onde João Vaz, em um elegante salão, patenteou ao publico os seus vinte e dois novos quadros que são verdadeiros primores na arte da pintura.

Teem o cunho local e patriótico, são trechos da costa peninsular que exprimem com exactidão os quadros encantadores das praias portuguezas, toda a graça e belleza do mar, dos rochedos, dos areaes, dos bosquetes e das campinas vizinhas, emfim o effeito esplendido da natureza de que João Vaz tem o culto em subido grau.

Nas marinhas, como é notorio, tem João Vaz o *savoir faire* dos artistas.

Digamos, porém, de passagem que estes motivos, as marinhas,—que João Vaz escolhe de preferencia, são monotonos, sem vida, sem movimento; no entanto elle sabe tornal-os attrahentes, bellos, mesmo, d'aquelle belleza natural que um pincel bem manejado sabe vivificar.

Os seus quadros, pois, com um corpo de tinta sobrio mas de excellente distribuição, teem muita luz, um colorido harmonico, contornos bem delineados, claro-escuros bem marcados, emfim, bons golpes de vista do auctor que assim reproduz os originaes com correcção e fidelidade.

Sem intuitos de critica de arte, porque carecemos de competencia e de auctoridade para a fazermos, e mesmo porque em *maître d'art chaque critique suit d'ordinaire les inspirations de son goût personnel*, como affirmava Marillier, não deixaremos no emtanto de dizer que, pelo nosso sentimento esthetico, destacámos d'aquelle conjunto de preciosos trabalhos, aquelle quadro «A ria de Silves» que foi adquirido por um particular, e o «As piteiras» que figurará, com justiça, no Museu de Arte Contemporanea.

Não quer isto dizer, porém, que em todos os outros se não revelem os processos technicos, o senso artistico e o talento de João Vaz, cujo nome é já sobejamente conhecido como pintor de valia.

Que elle, pois, persevere na exposição periodica dos seus bellos trabalhos, e assim sirva de estimulo aos outros artistas para que trabalhem tambem, progridam e se manifestem, pois ao nosso caracter de me-

ridionaes sobejam a timidez e o *dulce far niente*, mas é necessario que as aptidões e as intelligencias portuguezas resaltem em todo o brilho para que mostrem ao mundo e á civilisação que ainda vivemos e temos pretensões a ser um factor importante na actividade social.

A. COSTA.

As quatro estações da Vida

(POEMETO)

PRIMAVERA

Alvorada rutilante,
A Primavera da Vida
—Peregrina e fecundante—
E' um hymno triumphante,
De belleza indefinida!

Quantos sonhos descuidosos,
Elevadas ambições,
Brotam sadios, vigorosos,
Nos canteiros perfumosos
Das juvenis corações!...

Suas ingénuas folganças
Revelam franca alegria;
Sorrisos são, de esperanças,
Grinaldas feitas d'esperanças,
Gorgeios de cotovia.

Mirantes originaes,
—Em castello de marfim—
De janellas ogivaes
Com exóticos vitraes,
Olhando vasto jardim,

Ergue em nossa phantasia,
—Por entre nuvens de incenso—
Na indelével magia
De extranha scenographia
Tocada d'um brilho intenso.

Chimeras alcandoradas
—Prazenteiras avesinhas—
N'essas ameias rendadas
Vão conversas animadas
Entreter co'as andorinhas.

Mocidade! Que docura
Esta palavra contém!...
E' poema de ventura,
Embebido na ternura
De casto beijo de mãe.

Ao mostrar-se deslumbrante
No ceu se espelham auroras,
E o mar—o leão gigante—
Solta um canto altisonante
Das bronzes tubas sonoras.

Festivos soam, vivazes,
Accordes de harpas solias...
Chilreiam aves loquazes,
Abrem os brancos lilazes,
Rescende o ar a magnolias.

Qual mariposa ligeira,
De brancura transparente,
Voa, ante nós, feliceira,
Como visão passageira,
Cheia de graça attrahente.

Mas, da sua luz tão pura,
Recordação perennal
Na memoria nos fugira
E na retina perdura
Té nosso instante final!...

JAYME CUNHA.

As restantes estações serão publicadas nos proximos numeros.

Sports de inverno na Serra da Estrella

Já está em publicação o relatório apresentado ao meio sportivo pelo sr. Duarte Rodrigues, director da revista *Tiro e Sport* e que foi, como se sabe, á Serra da Estrella proceder a alguns trabalhos de indole sportiva.

Não obstante os trabalhos se concluem em janeiro, na excursão invernal, o nosso collega sr. Duarte Rodrigues affirma poderem-se praticar em Portugal alguns dos principaes sports de inverno.

Assim,—diz o nosso amigo ao referir-se á *nave da Arcia*, proximo do local onde se encontra o Sanatorio da Covilhã:

«Podemos dizer que estamos a meio de uma região onde a iniciativa particular em materia de desporto podia exercer o seu campo de acção.

Tem-se julgado impossivel a pratica de desporto de inverno no nosso país, porque nem a propaganda lhe tem incidido nem as pessoas a quem a Serra da Estrella deve o que possui, ao desporto se entregam para conhecerem os seus particulares technicos.»

Tem razão o nosso collega e só quando n'um meio desenvolvido e que as iniciativas appareçam com frequencia é que todas as atensões para ellas se voltam. Por esse motivo julgamos de grande interesse para o publico sportivo em especial, algumas das passagens do seu relatório, porque ellas tendem a fazer demonstrações de grande alcance para uma propaganda futura.

«A Serra da Estrella prestar-se-hia excellentemente para fazer em Portugal uma estação de inverno para certos doentes e até para pessoas sadias.

Falta-nos para isso a iniciativa particular e sobra-nos a difficuldade official que, como sempre, é a primeira entidade a suffocar vontades e a sacrificar até, muitas vezes, os proprios interesses nacionaes na usura da partilha de beneficios.

Não estará nos governantes o espirito de mal governar, mas não ha n'elles a luz precisa para sacrificarem a acção apathica dos nossos costumes. Fugindo dos habitos em que vivemos muito se conseguiria a bem da riqueza nacional, mas seria uma loucura tental-o sem o desespero dos governados a quem o empirismo ainda é um poder dominante.

Se a nossa Serra da Estrella existisse n'um país onde a luz do progresso e da civilisação penetrasse livremente, tel-a-hiamos visto muito diferente do que é.

E vamos ao que penso,—diz Duarte Rodrigues —pois não estamos em tempo de perder cera com defuntos, nem vocabulos com flor de rethorica.

Sobre as condições naturaes da Serra fallam os scientistas e d'elles não veio ainda uma opinião desfavoravel ao seu aproveitamento.

Quanto ao lado industrial direi que se sustenta-



EXPOSIÇÃO JOÃO VAZ — A Madre de Deus

ria uma empresa que aproveitasse esta região para a instalação de sanatórios, vivendas e um bom hotel, de modo que não seriam apenas os *tuberculosos* que se aproveitariam da sorte com que a natureza nos bafejou.

Os neurasthenicos, por exemplo, a quem o alpinismo oferece largos recursos therapeuticos, teriam, longe dos sanatórios e de seus hospedes, um hotel onde passar uma magnifica estação climaterica.

Esses e outros, doentes ou não, á excepção d'aquelles a quem os exercicios physicos se não devem recommendar, poderiam usufruir toda a especie de passatempos, dos quaes destacarei os desportos de inverno.

Desportos de inverno, sim. No nosso paiz não se faz nada porque está nos nossos habitos esperar que tudo appareça feito.

E não imagine o leitor que para attrahir visitantes, doentes, ou excursionistas, bastará dar-se-lhes um bom hotel ou um bom sanatório. E' necessario que a região onde esses estabelecimentos estiverem situados ofereça não só encantos naturaes, mas tambem esteja em condições de favorecer a pratica dos exercicios physicos, tão preconizados pela medicina moderna.

De ha muito que sustentamos a mesma doutrina e só á custa de um esforços commum de meia dúzia de dedicados é que se tem conseguido fazer movimentar o nosso meio sportivo á ponto de se metter em actividade um numero muito regular de actividades.

Depois de uma serie de apreciações sobre o nosso meio sportivo, apreciações que revelam o entusiasmo do sr. Duarte Rodrigues pelas campanhas da propaganda, o fundador do Club Alpino Portuguez, diz:

«Ora a verdade é que as duas *naves*—a de *Santo Antonio* e a da *Aveia*—se prestam excellentemente para o goso infinito d'aquelles espectaculos surpreendentes que nos oferecem a pratica dos desportos invernaes.

A *nave da Aveia* tem uma inclinação muito regular em toda a sua vasta extensão até ligar com a *nave de Santo Antonio*, onde essa inclinação vae pouco a pouco morrendo até á grande planície que costeia o *Espnhaço do Cão*.

A *nave da Aveia* tem sómente por obstaculos os pedregulhos em cuja altura raras vezes excedem 1 metro. A neve, porém, conseguindo uma altura de 3 a 5 metros, transforma as duas *naves* n'uma ampla pista inclinada ligada a uma extensa planície.

Ora é ahí mesmo onde o *ski* e o *toboggan* teriam applicação.

E' com estes apparatus que os noruegueses e os italianos conseguem estabelecer communicações entre logares nas montanhas nevadas; e porque não sejam ainda conhecidos em Portugal é que se diz ser impossivel uma travessia na Serra da Estrella durante o inverno.

Certo lente da Universidade de Coimbra disse ha muitos annos já que o nosso paiz anda atrazado um seculo, e assim é, com effeito, porque entre aldeias situadas nas faldas das montanhas Herminias



A «Lagôa Escura» gelada, onde se poderia fazer patinagem, «ice-yachting», etc.

estão, durante uma boa parte do anno, interrompidas todas as communicações por causa das nevadas.

Não é necessario buscar elementos artificiaes para uma boa invernoagem na Serra da Estrella, —affirma o director do nosso confrade *Tiro e Sport*.

Arborisem-na bem desde a estrada do Sanatório até á *nave da Aveia*—já isto daria rendimento no futuro—façam-se alguns cortes de terreno para o curso das aguas, briteem-se os pedregulhos e teremos depois uma boa pista na *nave da Aveia*, isempta de correntes de agua, de obstaculos e de perigos.

A Serra tal como se apresenta, nua como está, não pode oferecer certos encantos apreciaveis para quem se não contente com a simplicidade natural.

Não é o entusiasmo de um apaixonado que faz verberar este facto. Todos os escriptores se referem a essa falta que lastimam.

Um bom hotel na *nave da Aveia*, bem isolado dos estabelecimentos de saude, e um funicular da Covilhã, como em tempos se pensou fazer por iniciativa do nosso compatriota sr. Julio Ribeiro da Silva, tornam-se muito necessarios.

Faça-se isso, oriente-se uma boa administração, propague-se a obra lá por fóra e faça o Estado algumas concessões justas em vez de se prestar á eterna exploração das iniciativas uteis derivadas unica e exclusivamente do esforço particular, e veremos como nã o é necessario ir á Noruega para se andar em *ski* ou em *luge*, como não é preciso ir á Suíssa para limpar os pulmões, nem á Italia para patinar.

Patinar? Também se patina. Não darei de conselho que se *valse* e se *façam figuras* no centro da lagôa, mesmo que o gelo pela sua espessura ofereça grande resistencia. E não dou esse conselho porque a *Lagôa Escura* é profunda e a serie de desastres mortaes succedidos no estrangeiro são o bastante para que toda a cautela se recomende.

Por isso se faz sempre em casos como o nosso, em que ha profundidades respeitaveis nos lagos gelados, uma balisagem precisa de maneira que os *patineurs* e as gentis *patineuses* tenham marcadas e delimitadas as pistas onde podem desenvolver as suas habilidades.

Comtudo a *Lagôa Escura* presta-se excellentemente para o *ice-yachting*, desporto que oferece menos perigos em virtude do apparatus—embarcação—muito auxiliar a qualquer circumstancia se a superficie gelada fender.

Quando a Serra da Estrella estiver aproveitada convenientemente, isto é, que as duas regiões—a de Manteigas e a da Covilhã—estejam bem habitadas não só por doentes mas tambem por forasteiros e *aeristas*, teremos na *Lagôa Escura* um ponto magnifico para recreio. A sua vasta extensão, fóra da zona central e profunda, permite que se patine sem difficuldades e que se faça o *ice-yachting* com todos os encantos que a pratica d'este desporto apresenta.

Sabe-se positivamente que o gelo oferece resistencia para supportar algumas toneladas de pezo. O que falta, porém, é estabelecerem-se meios de communicação com os pontos de concentração.

Falta ainda, para a boa regularidade da pratica, o estabelecimento de postos de refugio. Estou convencido que dentro de alguns annos, com a propaganda do alpinismo e com a existencia do Club Alpino Portuguez, o excursionista herminio encontrará na Serra o que não falta nos Alpes, para, pelo menos, ter uma facilidade em combater certas inclemencias naturaes, aliás proprias do desporto nas montanhas.»

«A VIDA ARTÍSTICA»

Encontra-se á venda em todos os kiosques e tabacarias.

EM FOCO

Na tarefa que a *Vida Artística* se propoz, de levantar o nivel das letras e das artes por meio de uma propaganda mais ou menos habil, levada ao seio d'aquelles que se interessam pelo seu resurgimento, com tenacidade, em luta com o meio, dizer que tem cumprido essa missão com aquella auctoridade que deriva do prestigio, do valor dos mestres a quem o estudo e a reflexão tornam oraculos, seria absurdo.

Sobra-lhe, porém, em sinceridade e pureza de intenções, o que lhe falta em amplos e arejados conhecimentos especiaes.

Demonstra-se mais, que o desejo ardente de acertar, a febre de fazer brotar e florescer idéas fundamentalmente generosas e de justiça, tem-nos feito arripiar caminho diverso do elogio mutuo, tendente á consagração de nullos e fatuos.

Com taes disposições, vemos com intensa alegria crescer, multiplicar-se dia a dia o numero dos amigos d'esta revista, mercê talvez da excessiva benevolencia com que nos acolhem, mas que nos anima e desvanece.

D'entre esses amigos destaca-se, sem melindres para outros, Jayme Cunha, um novo, possuidor de opulenta bagagem litteraria e artistica, caracter de eleição, alma de poeta, de sonhador, olhando embevecida o horizonte como vendo surgir entre tenues e perfumados vapores longiquos a chimera feita phantasia.

Prova-o a farta copia dos seus sonetos publicados aqui, toda tocante de singeleza e elevação, respirando a delicada fragrança das flores exóticas, exuberante de sentimentalidade artistica, fiel as regras onde o estylo e a forma se conjugam e se identificam harmoniosamente.

O seu poemeto *As quatro estações da vida*, que em outro logar começamos a publicar, consistte em trabalho de folego de molde a fornecer ensino á critica para lavar um veredictum honroso.

Publicando-o, procuramos collocar o seu auctor no logar que lhe compete.

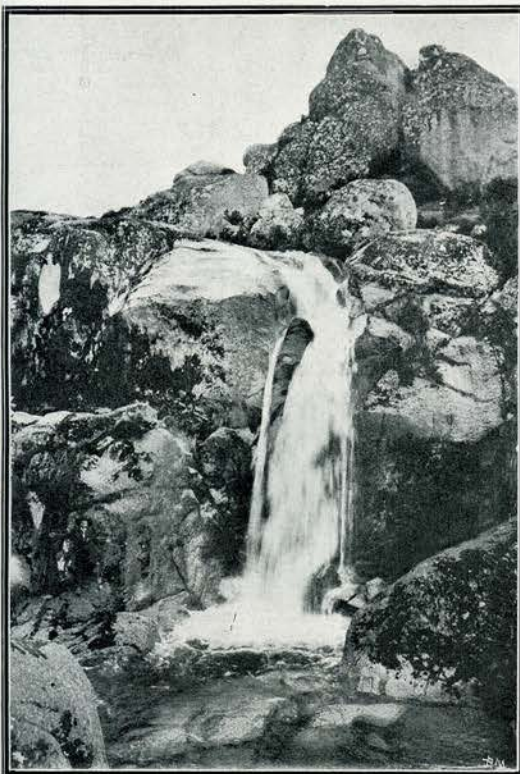
As riquezas de Marrocos

Um escriptor americano, o professor Harris, desenvolvendo, no *Cosmopolitan*, as enormes riquezas naturaes de Marrocos, aconselha aos seus compatriotas que não percam tempo se quizerem reservar-se um quinhão nos bons negocios que ha a fazer n'aquelle paiz, pois de outro modo irão todos parar ás mãos dos francezes e dos allemães. Trata-se de um verdadeiro *El Dorado*, segundo affirma o auctor, de um paiz cuja superficie é de trezentas mil milhas quadradas, fertilissimo e contendo thesours mineraes inexhauriveis.

Existem em Marrocos ricas jazidas de quartzo aurífero, de prata, de cobre, de ferro, de chumbo e de antimonio, vastas jazidas de carvão fossil; e a variedade do clima e do solo, a abundancia dos rios e as planícies ferteis, que alternam com planaltos, pode fornecer qualquer genero de agricultura.

A vizinhança de Marrocos da Europa, da qual se pode considerar o prolongamento, elimina a difficuldade dos transportes, que tamanhos obstaculos levanta deante do desenvolvimento e da valorisação de outros paizes africanos, igualmente ricos, mas, mais distantes e menos accessiveis.

Quando o machinismo moderno for applicado em grande escala na agricultura e na exploração das minas, Marrocos ha de vir a ser uma fonte de riqueza inexgotavel.



Uma cascata no rio Alva

A ARTE EM EVORA

Trazem os jornaes da localidade, *O Cidadão e O Reclamo*, referencias a uma exposição artistica realis da ali, no mez findo, pela Academia Dramatica e Musical João Pedro Ferreira, famosa agremiação eborense que desde ha tempo se está evidenciando pelo seu concurso á causa da arte, o que nos merece o mais entusiastico applauso de incitamento. Infelizmente, tarde chegou ao nosso conhecimento a noticia da referida exposição, o que não impede que saibamos quanto ella teve de brilhante, não só pelo desenvolvido gosto e carinho evidenciado p-los seus promotores, como pelo successo alcançado no meio eborense, o que denota quanto elevada é a sua educação artistica.

Dizem os nossos informes que os srs. Francisco Luiz de Oliveira e Manuel Rato, muito contribuíram para o exito da festa agora realisada. Felicitamos-os.

Mas creiam os illustrados artistas: se não tivessem a animal-osa a collaboração de quanto Evora possui de distincto, incluindo a digna direcção da Academia João Pedro Ferreira, correspondendo assim ao seu esforço e dotes de intelligencia, a idéa teria ido despedaçar-se de encontro aos rochedos da Indiferença, perigo que ameaça todas as iniciativas de arte em Portugal.

E' preciso, pois, que Evora tenha um profundo amor á cultura do bello, para assim ter correspondido á obra da Academia João Pedro Ferreira, e ás generosas intenções d'aquelles dois cavalheiros. Isso, porém, affirmouse, e crêmos se radicou, atenta a circumstancia de já se estar trabalhando para effectuar outra exposição em abril proximo futuro. Para essa se pensa em estabelecer premios aos concorrentes mais distinctos por seus trabalhos expostos.

Pelo que se refere ao sr. F. L. d'Oliveira, temos o prazer de o conhecer pessoalmente ha annos e sabemos quanto vale a sua energia e intelligencia de trabalhador modesto.

E' um elemento com que Evora pôde contar em todas as manifestações artisticas a que se propuzer, valorisando-as e imprimindo-lhes um cunho de infatigabilidade pouco vulgar.

Fazendo parte da prestigiosa collectividade que ora engrandeceu Evora com a festa em questão, affirmará os creditos que de ha muito gosa.

E. F.

Bibliographia

«MANHÃ»

Sob este titulo, tão impressivo como singello, recebemos um folheto, especie de escripto de raras joias, gentil offerta do seu auctor o sr. João Maria Ferreira, o qual por vezes tem honrado esta revista com as suas produções poeticas.

Manhã é uma poesia que no concurso poetico dos *Jogos floreaes*, realisados no Instituto de Lisboa, em junho de 1908, obteve a classificação de «bom.»

Depois d'um jury composto por poetas da envergadura do conde de Monsaraz, Lopes de Mendonça, Gomes Leal, Julio Dantas, Malheiro Dias e outros, ter dito com o seu gesto o melhor dos elogios ao poeta e á sua obra, que podemos nós dizer que seja mais eloquente?

Emmudeçamos, pois. *Manhã* é o raiar d'um dia primaveril, o ar embalsamado do aroma das flores, o cantico de multicolores seres alados; *Manhã* é o sol que irradia magestoso e creador, saudado ao nascer por todos os seres organisados; *Manhã* é um hymno que... Basta.

Saudemos tambem a *Manhã* que irrompeu nosa casa dentro alegrando-nos, chamando-nos á Vida.

—*Bom dia*, poeta!

E. F.

Do sr. Armando Ferreira, um novo de grandes faculdades mentaes, ao qual decerto está reservado um lugar de honra nas letras, recebemos e muito agradecemos um exemplar do seu livro de versos *Pyrilampos*.

Vamos lêr e diremos de nossa justiça com aquella franqueza que nos caracteriza.

* * *

Recebemos e agradecemos:

- A *Gazeta das Aldeias*, n.º 830 do 16.º anno.
- O *Zé*, n.º 57 (179) do 4.º anno;
- O *Semeador*, boletim da Associação Central de Agricultura Portuguesa, n.º 8 do 1.º anno;
- O *Occidente*, n.º 1.184;
- Os *Ridiculos*, n.º 647;
- A *Arte*, n.º 81;

CARTAS
TRIPEIRAS

Conforme prometti, eis-me a referir-me á immunda e pseudo-revista em 2 actos e 8 quadros, original de Diniz de Mello, musica de Alpio (Fernando Moutinho), cuja indecencia se appellida *Bate Certo*, e n scena no Variedades.

Como já alludisse ao que é essa obra, repleta de phrases de viella, occupar-me-hei do desempenho, o qual affina pelo mesmo diapasão.

Debutaram n'esta coisa, segundo o programma, o 1.º actor Augusto Soares e a 1.ª actriz Dora Vieira, apresentando-se esta com muita correcção nas personagens que lhe distribuíram. E' digna de elogio. Assim se não desmande. Apareceu-nos tambem como 1.º soprano, ainda segundo o programma, Matilde Sanchez e o barytono Manuel Blanco, os quaes apenas conseguiram mostrar a sua negação para o theatro, quer cantando, quer representando.

Como isto temos nós por cá aos centos. Era cusado ir buscar ao estrangeiro.

O resto dos interpretes afinaram. Os córos uma desgraça. A orchestra, sob a direcção d'um maestro que n'esta cidade dá por um nome que constitue o gaudio do rapazio, contribuiu com a sua roda de ponta-pés nas regras. Encenação, do actor Augusto Soares, regular.

Emfim, é melhor não dizer mais para não dizerem que ando guiado pelo meio da calumnia.

—No Carlos Alberto estreiou no sabbado a companhia do Avenida, sob a direcção de José Ricardo, levando á scena o *Conde de Luxemburgo*, do que fallarei no proximo numero.

CANDIDO DOS SANTOS



THEATRO DA REPUBLICA

Conferencia do dr. Cunha e Costa «O povo francez».—«Correios e telegraphos», tres actos de Capus, versão de Eduardo Noronha.

A conferencia do sr. dr. Cunha e Costa, chamou a este theatro uma d'essas enchentes colossaes como raras vezes vemos. Já de si o nome da conferencia tinha uma grande attracção, mas terminada a brilhante palestra vimos que o nome foi um mero pretexto para uma notavel lição politica. Decerto os leitores não ignoram a intelligencia do dr. Cunha e Costa; no nosso meio social e dentro do partido republicano é um dos maiores talentos que possuímos! A sua palavra prende-nos, o seu talento maravilha-nos, a sua sciencia encanta-nos!

A sua conferencia, que durou mais d'uma hora, prendeu o auditorio que, suspenso em um religioso silencio, escutou as *verdades* que o illustre conferente dizia, ou se ria por vezes, com a feição cheia de fino espirito com que elle coloria uma ou outra phrase.

No curto espaço de que disponho, não posso senão dar uma idéa muito pallida, uma synthese da sua conferencia, que deveria ser espalhada por todo o paiz, para ser lida, comprehendida e seguida.

Depois de ter fallado no espirito francez comparado com o nosso, depois ainda de ter comparado a elegancia da mulher na França, com a portugueza, entrou na parte historica, provando que apenas imitamos da França o que não comprehendemos.

«*Da França e um pouco de toda a parte importámos uma constituição democratica que talvez nunca cumpramos. E a razão é simples: uma e outra nos ficaram curtas nas mangas; não entendemos nenhuma.*»

Depois fallou com uma coragem digna de nota da separação da Igreja e do Estado, criticando asperamente os seus erros e os chamados livres pensadores; historiou o tribunal revolucionario que deu cabo da primeira Republica franceza, e depois de varias considerações, sob uma chuva de palmas do publico, concluiu dizendo que tinha

pena que o chefe do Estado não estivesse presente, pois decerto ouviria as suas considerações; e quasi ao terminar disse:

«*Respeitae toda a organização social preexistente, modificando-a, mas respeitae-a. Respeitae o clero: e uma força nacional organizada, força de paz, de ordem, de conservação, aliada natural de todos os governos, que realmente querem governar; respeitae e dignificae no exercito e na armada a defeza nacional solidamente disciplinada; a obediencia livremente consentida é uma virtude excelsa. E, sobretudo, vede na independencia da magistratura um freio contra as nossas proprias paixões, a repressão dos nossos proprios desmandos. Quanto ao povo, educaeo. Sem a sua educação t'reis um arremedo da Republica, até ao facto da perda da independencia. O povo educado como está, trabalha inconscientemente para a propria ruina.*»

O sr. dr. Cunha e Costa recebeu uma enorme ovação, sendo chamado duas vezes.

A's dez e um quarto deu-se começo á comedia de Capus. Bastava estar distribuida aos grandes artistas Adelina Abranches, Brazão, Ferreira da Silva e Augusto Rosa, para que tivessemos a certeza de que a peça não cahiria facilmente. Mas apesar d'isso, não é comedia de longa vida no cartaz.

E' de uma banalidade pasmosa, só possui um ou outro dito engraçado, o resto é completamente ócca, sem interesse, banal! O desempenho é que foi brilhante, por parte de Adelina Abranches, Brazão, Ferreira da Silva e A. Rosa, dando-nos detalhes magnificos de observação. Luz Veloso, Aura Abranches e Jesuina Saraiva, muito bem nos seus pequenos papeis. Juliana Santos bastante infeliz e Sophia Gallini em extremo discreta. Rafael Marques e os restantes artistas regulares.

A versão magnifica, do brilhante escriptor Eduardo Noronha.

ALFREDO PINTO (Sacavem).

REPUBLICA—Anuncia para o dia 18ª a festa artistica do eminente actor Augusto Rosa, subindo á scena a conhecida comedia *Canto do Cysne* e o *Auto da barca do Inferno*, novo trabalho de Affonso Lopes Vieira, um laureado no mundo das letras.

AVENIDA—A companhia partiu para o Porto em 7 do corrente, onde vai fazer um mez no theatro Carlos Alberto. Debutou no dia 9.

CONDES—Ensaia actualmente o *Sonho do Fado*, parodia ao *Sonho de Valsa*, do nosso amigo Caetano Pereira.

GYMNASIO—Sobe hoje á scena a comedia *O mano Augusto*.

SPECTACULOS

NACIONAL—8 1/4—20.000 dollars.
REPUBLICA—8 1/4—Correios e telegraphos—Os quatro cantinhos.

THEATRO DA TRINDADE—8 1/4—Princeza dos dollars.

GYMNASIO—8 1/2—O mano Augusto.
THEATRO APOLLO—8 1/2—O Chico das Pegas.

THEATRO MODERNO—Arre, qu'è burro... (revista).

THEATRO RUA DOS CONDES—8 1/2 e 10 1/2—Fandango e Maxixe (revista).

THEATRO DAS VARIEDADES—8 1/2 e 10 1/2—Pae Patolino (revista).

THEATRO PHANTASTICO—8 1/4 e 10 1/4—Eh! thalassa!... (revista).

ROCIO PALACE—Que ha de novo, (revista).

THEATRO INFANTIL DO ROCIO—8 e 10—A' espreita (revista).

COLYSEU DOS RECREIOS—8 1/2—Companhia de variedades.

CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL (Palacio Foz)—Avenida da Liberdade.

OLIMPIA—Salão de concertos, etc., rua do Condes.

SALÃO DA TRINDADE—Rua Nova da Trindade.

SALÃO DOS ANJOS—Foguetes e fungagás (revista).

JARDIM ZOOLOGICO—Exposição permanente de aves e animaes ferozes.

LOJA DE NOVIDADES
61-RUA DA PALMA-63

O estabelecimento mais importante de Novidades do Paiz e o unico que vende com a reducao de **30 0/0** dos preços das outras casas pelo facto de ter representações e depósitos das fabricas, colossal sortimento de metais, Talheres de cristal e de todas as outras qualidades, Objectos para brindes, vidros e cristaes, Cutelarias, Artigos de ménage, Cris offe, Utensilios para barbeiro, Filtros para agua, 6.000 lindissimos preços para chápeu para liquidar por metade dos preços.

LOJA DE NOVIDADES **61-RUA DA PALMA-63**
 Loja e 1.º andar do prédio todo (Em frente da Confeitaria Pires)

O unico estabelecimento de Lisboa que não tem competidor



Jarros com tampa de metal a 670 réis
 Talheres de metal a 1500 réis

TINTURARIA A VAPOR
 DE
Augusto Pires Branco

Tinge toda a qualidade de fazenda de seda, lã e algodão, em todas as cores e peças de toda a qualidade de fazenda a preços convencionaes. Algodões ou lã em fio. Lavagem de fato feito. Degrassage a seco, com brevidade e perfeição.

45, CALÇADA DO CARMO, 47
 ESTA CASA NÃO TEM SUCCURSAES

A NACIONAL
 COMPANHIA DE SEGUROS

Sede na sua propriedade: — **14, Avenida da Liberdade, 14 — LISBOA**

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Fundada em **17-4-906**

RESERVAS
135:753\$650
 RÉIS



CAPITAL
500:000\$000
 RÉIS

Seguros de vida e Seguros terrestres e maritimos
 Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 horas da manhã às 5 da tarde, na sede da Companhia, ou por escripto na volta do correio.
 Director—**FERNANDO BREDERODE** Sub-Director—**JOSÉ A. QUINTELLA**

SEDATOL
 (PARA FRICÇÕES)

Infalivel no uso do reumatismo, dores nervosas e dores do mensturo.

Á VENDA NAS PHARMACIAS E DEPOSITOS

Largo de S. Julião, 7, 1.º — LISBOA
 Largo de S. Domingos, 62, 1.º — PORTO

Adelaide Cabette — MEDICA —
 Doenças uterinas
 Rua Aurea, 266, 2.º, E.
 Consultas ás 2 horas TELEPHONE 2557

Grande loteria do Natal
 Extração a 23 de dezembro

Premio maior . . . **240:000\$000**
 Segundo premio . . . **30:000\$000**

Bilhetes a 100\$000 réis, vigesimos a 5\$000; cautelas de 2\$200, 1\$600, 1\$100, 550, 330, 220, 110 e 60 réis. Dezenas de 2\$200, 1\$100, e 60 réis.

Esta casa desconta desde já o coupon de 3% da Divida Interna referente ao semestre corrente.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á casa

João Candido da Silva
 196, R. do Ouro, 198
 LISBOA

Salvador Villarinho Ferreira
 Clínica Geral
 Partos e Doenças de senhoras
 DAS 3 AS 5 DA TARDE
 R. DE S. ROQUE, 67, 1.º E.
 TELEPHONE 1.573

F. Casanova da Fonseca

LEILÕES
 Compra e venda de propriedades
 Empréstimos hypothecarios e procuradoria

R. d'Assumpção, 67, 2.º — LISBOA
 (Esquina da R. Augusta)
 TELEPHONE 3418

SOPHIA QUINTINO
 MEDICA
 Consultas diarias
 NA
 R. da Prata, 93, 2.º D.
 Da 1 ás 3 Telephone 2172

Vendem-se e alugam-se
GRAVURAS

A PREÇOS MODICOS

Dirigir pedidos á administração da

“VIDA ARTISTICA”
 RUA DO MUNDO, 81, 2.º
LISBOA

J. VILANOVA & C.ª Telegrammas: **LOWSKY** Lisboa Porto

SÉDE: Rua Boa Vista, 160, 162 e 164 **LISBOA** **FILIAL:** Rua do Almada, 113, 1.º **PORTO**

OLEOS MINERAES
 Especies para lubrificação de automoveis

GANHAM AS CORRIDAS DE RAMPA, A SABER:

O Ill.º Sr. Estevão de Oliveira Fernandes em carro Brasier lubrificado com o nosso **Oleo Automobiliol A**, ganha a taça dos Sports illustrados.

O Ill.º Sr. Angel Beauvalet, em carro Berliet lubrificado com o nosso **Oleo Extra-Automobil Cylinder**, é o segundo classificado.

AUTOMOVEIS D'ALUGUEL

Marca
F. I. A. T.

Praça
do ROCIO



Taxi
SELLADO

Telephone
2698

Garage F. I. A. T. — PALACE — Telephone 2702

SERVIÇOS À HORA

Números dos carros: 19, 35, 122, 190, 375
CARROS ABERTOS, EM CARAGE

Alugam-se carros ao mez (aturados) nas mesmas condições que as carruagens
Proprietario, VASCO JARDIM

F. Street & C.º L.º

ENGENHEIROS

Machinas R. Rua Poço dos Negros

Telephone: N.º 646

LISBOA

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 22-24

Vinho Verde de 1.ª qualidade
Azeite de Castello Branco muito fino
Vinhos finos e licores

A VINTEM

Pão integral

NUTRICIA

A 15\$000 réis

Esquentadores de cobre
para banho

Ramiro Pinto & C.ª

146, RUA AUGUSTA, 148

"MERCEDES"

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESSORIOS

Reparações em todas as marcas
de machinas

Copias à machina — Traducções
Ensaios de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3066 — Agencia no Porto

Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista

do Hospital de S. José e annexos

Premiado na exposição internacional de Paris de 1900, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º

Telephone n.º 3.355

LISBOA

Vestidos de senhoras e crianças

LAVA, LIMPA E TINGE

TINTURARIA CAMBOURNAC

10, Largo da Annunciada, 10

Rua de S. Bento, 175-A

LISBOA Telephone 562

Ouivesaria Cunha

RUA DA PALMA, 100, 106

Telephone n.º 1.924 * LISBOA

Grande sortimento de objectos de ouro e prata a peso, taes como cordões, cadeias e pulseiras, serviços para almoço, faqueiros, terrinas, pratos cobertos, serpentinhas, tableiros, salvas, castiças, jarros e bacias, etc., crystaes, guardanapos em prata e muitos objectos em estajo proprios para brindes, desde 12000 réis.

Compra antiguidades, ouro, prata, platina, jolas e cautelas do Monte-pio Geral.

606

Tratamento da syphilis pelo «Salvarsan», systema de Ehrlich, pelo

DR. DECIO FERREIRA

Rua Garrett, 61, 1.ª, E.

TELEPHONES 2570 E 3099

OFFICINA DE FUNDIÇÃO DE METAES

TORNEIRO E GALVANISMO
FUNDADA EM 12.6.1901

Manufactura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikolagem, etalagens e varios para montas, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas

Dourar
pratar, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES

R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

LUZ ELECTRICA

J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, aparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dynamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcs voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, para-raios, etc.

REPARAÇÃO DE TODO O SYSTHEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES
ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Alfredo Eduardo Gonçalves

OFFICINA

— DE —

CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes à sua arte

7, Rua da Condessa, 9

(AO CARMO) LISBOA

ENCAVERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Basilino Jereira

Succursal das

Officinas

de encadernação movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, III-113

LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT. Taxímetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Empreza Nacional de Navegação



Sae no dia 22 de dezembro o

Paquete MALANGE

para a Africa Occidental.

Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trata-se: — NO PORTO: com os agentes H. Burmeister & C.ª, rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escriptorios da Empreza, 83, rua do Commercio.